

---

## As Bruxas de Guaratuba: Convencionando um “Horroralismo”<sup>1</sup>

Bernardo Demaria Ignácio Brum<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Este trabalho analisa a cobertura midiática do interrogatório e prisão dos sete acusados pelo desaparecimento e morte do menino Evandro Ramos Caetano na cidade de Guaratuba, estado do Paraná, em 1992 através da grande influência do fenômeno conhecido como pânico moral na repercussão do caso, em especial o “Pânico Satânico” muito popular na década de 80. Defende-se a ideia de que, para conseguir seu intento de realizar matérias de impacto, os meios de comunicação usaram pesadamente recursos codificados ao gênero ficcional de horror. Para qualificar a pesquisa, utilizaremos um entrecruzamento entre os estudos de violência midiática, pânico moral e a filosofia composicional do horror, dando origem ao que teorizam como um híbrido inverso de docuficção, que convencionamos chamar de *horroralismo*, que infunde domínios de imagens em registros de arquivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caso Evandro; pânico moral; horror

### Introdução

O desaparecimento e morte de Evandro Ramos Caetano aos seis anos de idade em 11 de abril de 1992 na cidade de Guaratuba acabou por o tornar-se mais notório assassinato da onda de desaparecimentos de crianças no estado do Paraná, ocorridos entre as décadas de 80 e 90. Muito desse impacto cultural recente pode ser atribuído ao sucesso do *podcast O Caso Evandro* (2018), criado pelo jornalista e professor universitário Ivan Mizanzuk.

Para além da brutalidade do crime, o caso também chama a atenção pelo seu desenrolar: primo de Evandro, o ex-investigador policial Diógenes Ramos Caetano acusou a primeira dama do município Celina Abagge, sua filha Beatriz Cordeiro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ, e-mail: [bernardodibrum@gmail.com](mailto:bernardodibrum@gmail.com)

---

Abagge, e mais cinco homens, Vicente de Paula Ferreira, Davi dos Santos Soares, Francisco Sérgio Cristofolini, Airton Bardelli dos Santos e o pai de santo Osvaldo Marcineiro, de assassinar o primo Evandro em um ritual satânico. Os sete foram presos entre os dias 1º e 3 de julho de 1992 pela Polícia Militar do Paraná na Operação Magia Negra, com as confissões de Osvaldo, Celina, Beatriz e De Paula tendo sido gravadas em vídeo. Durante os depoimentos oficiais colhidos, Beatriz e Celina, acompanhadas de advogados, passaram a alegar que confessaram sob tortura. Os acusados têm enfrentado sucessivos julgamentos desde então, entre condenações, absolvições e perdão de pena<sup>3</sup>.

O assassinato de Evandro Ramos Caetano teve grande impacto na pequena Guaratuba, a 130 quilômetros da capital Curitiba e com pouco menos de 40 mil habitantes segundo o último censo<sup>4</sup>. A população revoltada chegou a se manifestar em frente à prefeitura, apedrejando e tentando invadir o local. O caso também recebeu grande cobertura da mídia local e nacional, com o caso primariamente sendo conhecido como “As Bruxas de Guaratuba”. Parte da suspeita que alimentou a acusação foi de motivação religiosa: Beatriz Abagge frequentava os terreiros da cidade de Guaratuba e jogava búzios na tenda de Osvaldo Marcineiro. Um número considerável de reportagens descrevia, com detalhes, supostas significações de elementos do suposto ritual, como podemos ver abaixo:

Se antes o 13 era considerado o número do azar, muita gente, a partir de agora, passará a tomar cuidado com o 7, outrora tido apenas como o número da “conta de mentiroso”. Foram sete os matadores de Evandro, porque sete eram também as linhas de Satã a serem seguidas pelos integrantes da seita. O crime também aconteceu no dia 7, e sete milhões de cruzeiros foram destinados ao pai de santo Osvaldo, que comandou toda a operação. E por

---

<sup>3</sup> Tribunal de Justiça do PR concede perdão de pena para Beatriz Abagge. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/06/tribunal-de-justica-do-pr-concede-perdao-de-pena-para-beatriz-abagge.html>. Acesso em 30/04/2023

<sup>4</sup> Fonte: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guaratuba/panorama>. Acesso em: 29/05/2023.

---

fim, o nome da vítima, Evandro, era composto por sete letras. (Tribuna do Paraná, 1992, p. 12)<sup>5</sup>

Veremos então, a seguir, uma retrospectiva de casos que convencionam um tipo particular de pânico moral conhecido como “Pânico Satânico”; partindo para como O Caso Evandro se tornou um paradigma brasileiro desse tipo de caso e, por fim, como os serviços midiáticos de comunicação adotam a estética do horror quando tratam do pânico moral

### **Breve histórico do Pânico Satânico na Mídia**

As denúncias intensamente midiaticizadas envolvendo supostos casos de magia negra ocorrem com certa constância no Brasil. Entre casos recentes, podemos citar o caso de Fabiane Maria de Jesus, que em 2014 foi linchada de maneira fatal após um boato na página do *Facebook*, *Guarujá Alerta*, relatar que crianças eram sequestradas por alguém de aparência semelhante à sua com o intuito de realizar rituais de magia negra<sup>6</sup>. Em 2018, o delegado da cidade gaúcha Novo Hamburgo, Moacir Fermino Bernardo, chegou a prender cinco suspeitos de sete indiciados por supostamente matarem duas crianças para um ritual satânico, caso que acabou sendo provado como farsa e levando à condenação do delegado<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Wiki Caso Evandro - Materiais Extras do Episódio 7 - Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/caso-evandro/linhas-do-tempo/extras-episodio-07/> Acesso em: 05/05/2023

<sup>6</sup> Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html> Acesso em: 05/05/2023

<sup>7</sup> Delegado é condenado por falsa denúncia de ritual satânico em caso de crianças mortas em Novo Hamburgo. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/02/delegado-e-condenado-por-falsa-denuncia-d-e-ritual-satanico-em-caso-de-criancas-mortas-em-novo-hamburgo.ghtml> Acesso em 05/05/2023.

---

Apesar dos casos serem recentes, obviamente não foram os primeiros de grande repercussão envolvendo suposta prática de bruxaria. O mais emblemático e paradigmático para a cultura popular seria o julgamento das “Bruxas de Salem”, ocorrido entre 1692 e 1693, onde mais de duzentas pessoas foram indiciadas e vinte executadas acusadas de bruxaria, com condenações sendo derrubadas de 1711 até 2022<sup>8</sup>. O caso recebeu atenção contemporânea por conta da peça teatral *As Bruxas de Salem*, escrita por Arthur Miller em 1953, como uma alegoria à “caça às bruxas” anticomunista promovida pelo senador democrata Joseph McCarthy em Hollywood. A peça foi adaptada para o cinema em 1957 e novamente em 1996.

Entende-se o caso das bruxas de Guaratuba e suas implicações na mídia como pânico moral, conceito que Cohen (2011) define como “coisas cuja extensão e significância foram exageradas (a) nelas mesmas (comparadas com outras fontes mais confiáveis, válidas e objetivas) e/ou (b) comparado com outros problemas mais sérios”. O autor lista um grupo de conjuntos onde se enquadram vários indivíduos que chama de demônios populares (*folk devils*, no original). Podemos inserir o caso das “Bruxas de Guaratuba” no conjunto que o autor agrupa como “Abuso Infantil, Rituais Satânicos e Registros de Pedófilos”:

Por volta de 1983, relatos perturbadores começaram a circular sobre crianças (e também adultos em terapia que estavam “recuperando” memórias infantis) alegando que eles foram sexualmente abusados como parte do ritual de cultos Satânicos secretos, que incluíam tortura, canibalismo e sacrifício humano. Centenas de mulheres eram “reprodutoras”; crianças tinham seus genitais mutilados, forçadas a comer fezes, eram sacrificadas a Satã, seus corpos desmembrados e dados aos participantes para comer - que acabavam por ser membros da família, amigos e vizinhos, prestadores de serviço e membros proeminentes da comunidade. Alegações de várias partes dessas histórias uniram Cristãos fundamentalistas conservadores com psicoterapeutas feministas. (COHEN, 2011, pg. 18)

---

<sup>8</sup> Última ‘bruxa’ de Salém é inocentada após mais de 320 anos. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2022/08/ultima-bruxa-de-salem-e-inocentada-apos-mais-de-320-anos/>. Acesso em: 08/05/2023.

---

Nesse tipo de situação, o roteiro passa a ser semelhante (*ibid.*): o desaparecimento súbito da vítima, a investigação policial, a comoção popular, entrevistas televisivas com os familiares, as declarações de pessoas públicas repudiando o fato e os linchamentos tornam-se imagens populares desse tipo de acontecimento.

A época descrita acima por Cohen é um período que, nos EUA, ficou conhecido como “pânico satânico” e que teve como detonador a publicação do livro de memórias *Michelle Remembers* (1980), que Heller-Nicholas (2016, p. 21) detalha como sendo “o epicentro do fenômeno” e “um dos boatos mais influentes de mídia do fim do século XX”. O livro, escrito por Michelle Smith e seu terapeuta Lawrence Pazder, dá conta da paciente tratar da depressão pós-aborto espontâneo e recuperar memórias de ter sido abusada na década de 50 em um culto chamado “Festim da Besta”. Sobre a participação da mídia na popularização do livro, a autora (2016, p. 24) ainda lembra que as revistas *People* e *The National Inquirer* “apresentaram suas alegações como um fato” e que, em 1989, Oprah Winfrey veiculou em seu programa um especial que “foca de maneira acrítica” nas alegações de Smith e Laurel Stratford, outra suposta vítima do que Pazder chama de “abuso ritual”, popularizado pelo apresentador Geraldo Rivera no seu especial de TV *Devil Worship* (1988).

Talvez o caso mais infame de pânico satânico nos EUA tenha sido o Caso McMartin, onde sete profissionais da escola homônima em Manhattan foram denunciados, julgados e absolvidos entre 1983 e 1990, resultando em um dos julgamentos mais caros sem condenados da história estadunidense. Um dos maiores acusadores midiáticos era Ted Gunderson, ex-investigador do FBI, que Mack (2016, p. 322-323) detalha ter relatado, por décadas, a existência de “uma vasta rede de contatos nacional assassinados adoradores do diabo”, e que familiares culpam sua atividade por enfraquecer a acusação. O autor critica que, nesses casos, a espetacularização “satânica”, onde os acusados eram relatados até mesmo tendo manifestado poderes

---

sobrenaturais, acabam por desviar o foco da acusação realmente séria, afetando a credibilidade das denúncias.

### **O Caso Evandro: o Pânico Moral e o Grotesco Chocante**

A morte de Evandro Ramos Caetano em 06 abril de 1992 e as prisões dos sete acusados em 02 de julho de 1992 ocorrem cerca de dois anos após a última sessão de julgamento do Caso McMartin. O caso repete alguns dos elementos citados pelos autores acima: os “demônios populares”, segundo Cohen (2011) sendo membros proeminentes da comunidade, a alegada motivação “satânica” por trás dos crimes e por fim a participação da mídia na veiculação das alegações falsas, assim resumindo a estrutura típica do evento:

- (i) *Preocupação* (em vez de medo) sobre a ameaça potencial ou imaginada;
- (ii) *Hostilidade* - ultraje moral direcionados aos atores (demônios populares) que incorporam o problema e agência (trabalhadores sociais ingênuos, políticos assessorados) que são responsáveis em última análise (e podem virar demônios populares eles mesmos);
- (iii) *Consenso* - uma concordância difundida (não necessariamente total) que a ameaça existe, é séria e que “algo deve ser feito”.
- (iv) *Desproporcionalidade* - um exagero do número ou força dos casos, em termos de dano causado, ofensa moral, risco potencial se ignorado. A preocupação pública não é diretamente proporcional ao risco objetivo.
- (v) *Volatilidade* - o pânico entra em erupção e dissipa repentinamente e sem aviso. (COHEN, 2011, pg. 26-27)

Desde o primeiro momento, parte da mídia comprou a ideia de que os suspeitos do Caso Evandro, mais que assassinos, fossem bruxos: o Diário Popular de 08/07/1992 traz a manchete “Secretário: ‘Bruxos serão soltos em praça pública’”, relativo ao então Secretário de Segurança do Paraná, Moacir Favetti, com uma seção interior dizendo que “As bruxas poderão ficar livres”. No dia seguinte, 09/07/1992, sobre as confissões, a primeira página retrata a casa das Abagge sendo apedrejada e noticia o interrogatório

---

com a manchete “A confissão dos satânicos”. Ao mesmo tempo, uma notícia do jornal Tribuna da Bahia de 08/08/1992 informa que “Prefeito envolvido com magia negra teve o mandato cassado”, acusando também o prefeito Aldo Abagge na suspeição que cercava sua família<sup>9</sup>.

Da mesma forma, o apresentador Luiz Carlos Alborghetti no programa *Cadeia*, faz menção aos assassinatos em Guaratuba 28/07/1992; também suspeita de sacrifícios de crianças na cidade de Altamira, no Pará, Valentina de Andrade é apresentada como uma líder de seita que sacrificou uma criança, Roberto, por conta de seu nome “ter sete letras”. Em seguida, o apresentador introduz Celina Abagge e sua filha como “A Quadrilha do Diabo”, descrevendo-a como uma “tarada” que “bebe sangue de criança”, pregando que os acusados deveriam ser “colocados em um paredão” e fuzilados. O apresentador seguidamente ofende a conduta sexual das acusadas como “biscates” e “vagabundas”<sup>10</sup>.

A forma com a qual determinados países escolhem como veicular a violência através da mídia popular é digno de nota e debate. No caso, essa midiatização da violência no Brasil chama a atenção de Joron (2006) por sua “aceitação metodológica”

A mídia televisiva brasileira elabora e difunde programas de jornalismo policial que mostram, sem rodeios, com uma crueza que hipnotiza, todas as formas de violência que o país conhece. É claro que existem pressões ou subsídios de censura política que interferem nas escolhas de comunicação, mas faz-se uso, neste caso, de uma ética jornalística que toma partido em mostrar para melhor condenar e combater. E assim o faz como se a contaminação da violência no cotidiano pudesse ser exorcizada e freada por uma visualização intensiva. (JORON, 2006, p. 123)

Interessantemente, para o autor a questão da excessividade da violência é encarada como um “um ato de comunicação sacrificial”, “identificada e consumível”.

---

<sup>9</sup> Fonte: Wiki Caso Evandro - Materiais Extras Episódio 2. Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/caso-evandro/linhas-do-tempo/episodio-02/>. Acesso em 16/05/2023.

<sup>10</sup> Programa Cadeia Nacional (REDE OM PR - 28/07/1992) - Disponível em: <https://youtu.be/fYaLBkGXKYw>. Acesso em 15/05/2023.

---

Ou seja, um “ato de violência desviada”, permitindo que as tensões sociais sejam resolvidas no plano simbólico, assim permitindo “reforçar a harmonia comunitária e reforçar a unidade social” (JORON, 2006, p. 132). Em uma tentativa de responder a isso, pode-se pensar na característica da televisão brasileira apontada por Sodré e Paiva (2014, p.96), que é atravessada desde 1960 pelo “grotesco chocante”, um lugar marcado desde o início por

uma atmosfera sensorial (ou um *ethos*) de “praça pública, no sentido trabalhado por Bakhtin, isto é, a praça com feira livre das expressões diversificadas da cultura popular (melodramas, festas de largo, danças, circo, etc.) ou como lugar de manifestação do espírito dos bairros de uma cidade, com suas pequenas alegrias e violências, grosserias e ditos sarcásticos, onde a exibição dos altos ícones da cultura nacional confronta-se com o que diz respeito ao vulgar ou “baixo”: os costumes e gostos, às vezes exasperados, do populacho. (SODRÉ e PAIVA, 2014, p 97-98).

Sodré e Paiva (2014, p. 118-120) trazem a concepção lacaniana da identificação entre televisão e público ao diferenciar dois padrões de televisão no Brasil: a estética “de qualidade”, “fingindo jogar do lado da cultura”, representada hegemonicamente no Brasil pelas produções do Grupo Globo, e a estética do “grotesco”, onde acontecem suas estratégias mais agressivas e que o autor acredita ser especialmente potencializado pela televisão enquanto mídia. A audiência é cúmplice nesse jogo, pois a questão do grotesco chocante

permite encenar o povo e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância. Dão-se voz e imagem a energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a dura realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue às causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos. (SODRÉ e PAIVA, 2014, p. 121)

Temos então a percepção desse atravessamento que, em uma televisão encarada como “feira”, na tentativa de vender-se mais, o grotesco aparece como uma grande estratégia para conseguir audiência. Sendo assim, dentro desse esquema de “programa de variedades”, os programas jornalísticos responsáveis por transmitir essa violência em



---

abundância cumprem essa função de “sacralização do cotidiano pela mídia” (JORON, 2006, p. 130).

Isto posto, podemos entrar então na questão do tratamento dado à mídia com o “pânico satânico”, ou seja, as características estéticas adotadas para dar tratamento a um assunto, criando-se assim uma atmosfera de perigo às voltas com temas como satanismo, magia negra e bruxaria.

### **Jornalismo e Horror**

Concomitantemente à evolução tecnológica ocorrida a partir da década de 60 e seus muitos fenômenos de massa, também podemos detectar o que Carroll (2004) descreve como o pináculo de popularidade do gênero conhecido como horror. Nascido da novela gótica britânica no século XVIII com *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole e *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley, o gênero tem grandes sucessos no cinema do pós-Primeira Guerra com *Nosferatu* (1922, dir. F.W. Murnau), revelando posteriormente grandes nomes populares como o escritor Stephen King, um dos autores literários mais adaptados para a mídia cinematográfica, além de sucessos televisivos como *Além da Imaginação* (1959-1964).

A temática satânica ganha ao longo do século cada vez mais interesse popular: podemos citar filmes como *O Bebê de Rosemary* (1968, dir. Roman Polanski), *O Exorcista* (1974, dir. William Friedkin) e *A Profecia* (1976, dir. Richard Donner) como êxitos críticos e de bilheteria que ganharam sequências e filmes derivados. Igualmente na música, o gênero heavy metal suscitou controvérsia graças à estética e temáticas de bandas como Black Sabbath, Iron Maiden, King Diamond e Venom.

Carroll (2004, p. 15) define que o horror é “desenhado para causar um determinado efeito”, um “estado emocional”. O que diferencia seu caráter de outras obras como a fantasia é que o elemento monstruoso é considerado como “anormal,

---

como perturbações da ordem natural” (idem, p. 16), para que “as reações emotivas da audiência, idealmente, corram em paralelo com as emoções dos personagens” (idem, p. 17). O sentimento do horror parte, então, de elementos cognitivos interpretados pelo aparato sensorial que modelam estados emocionais que sejam avaliados como perigosos para a nossa integridade física (idem, p. 26).

Levando isso em consideração, como pode a mídia impressa ou televisiva, então, formar uma estética de horror, uma vez que, quando falamos do gênero, especificamente falamos de um conjunto de características responsável pro detonar emoções percebidas negativas, como aflição e repulsa? Se levarmos em consideração que estamos por definição entrando em um terreno onde há a separação entre o normal e o anormal, um *Horrornalismo* poderia ser pensado como a formação de uma atmosfera que irrompe no cotidiano a partir do trato dado ao objeto factual.

O “horrornalismo” que propomos atua de maneira mais específica que outros conceitos como o “Showrnalismo” de Arbex Jr. (2001), que assim chama o período hipermediatizado onde a tendência da mídia é transformar a notícia em em espetáculo; um cenário onde os veículos de comunicação criam um “estado hipnótico” (p. 103) de alienação. O autor argumenta que

O acontecimento político (e, mais amplamente, social e/ou cultural) adquire as características de um grane show. Ora, um das consequências de apresentar o jornalismo como o “show-rnalismo” é o enfraquecimento ou total apagamento da fronteira entre o real e o fictício. (ARBEX JR., 2001, p. 32)

Se esse é o caso, infere-se que a mimética das principais características do cinema de horror para abordar o Pânico Satânico, crie um apavorante “estado hipnótico” de ver-se em aterrorizantes narrativas onde tem-se de sobreviver a predadores sobrenaturais, com suspeitos e criminosos comuns alçados à categoria de bruxos e satanistas. Desta forma, a televisão para o autor possui essa capacidade singular de transformar um espetáculo em realidade: como ela seleciona e divulga notícias, contratando também comentaristas para interpretar o fato, ela deixa de apenas de

---

transmitir o fato, também tendo o poder de interferir nos acontecimentos (ARBEX JR., 2001, p.98)

Assim, sendo, atentamos nosso olhar para a produção de sentidos resultante do entrelace entre jornalismo e ficção de horror; como o primeiro se beneficia, em matéria de impacto e vendas, ao confundir-se formalmente. Pode-se também compara o “horroralismo” ao gênero documental *true crime*, que se apropria da capacidade da narração, e que é criticado por alguns por ser uma “versão distópica” do documentário, expondo “problemas insolúveis” (BROWDER, 2010, p. 125) e que Seltzer (2007, p. 33) critica como sendo um “espetáculo de massa do corpo aberto e rasgado é o ponto de coordenação de fantasia privada e espaço público”.

O “horroralismo” compartilha certa miríade de características formais em comum com o *true crime*, porém deslocados para o campo informativo do jornalismo e não do documentário. Nichols (2005, p. 54) define o documentário como tendo a estrutura de uma “história de detetive”, apresentando um problema, informando sobre o mesmo e oferecendo uma conclusão. Porém, podemos concluir que o caso do documentário *true crime* não é o mesmo caso do “horroralismo” que, por sua vez, estabelece-se dentro do campo do jornalismo, não do produto artístico. Tratam-se, portanto, de reportagens que adquirem, sem uma dimensão crítica ou reflexiva, o peso alarmista de produtos ficcionais, sem o caráter reflexivo e autoral do documentário, onde o narrador é frequentemente presente como personagem, tal como Ivan Mizanzuk em *O Caso Evandro* (2018) e Michelle McNamara em *Eu Terei Sumido na Escuridão* (2018). Além disso, o “horroralismo” é constituído por peças acusatórias “quentes”, retratando o fato popular da vez, sem o caráter “investigativo” típico dos documentários.

Dentro da batalha por audiência que ocorre nos veículos de massa, já mencionamos acima a ocorrência frequente de que o grotesco vende, fortalecido por uma indústria que fortalece o choque. Assim sendo, dentro de uma sociedade em sua

---

maioria cristã, onde as tradições e o conhecimento tecnológico “expurgam” elementos não pertencentes a essa dinâmica, as preocupações arroladas ao pânico moral podem encontrar um manancial para aí florescer lançando mão dessa estética. Assim sendo, podemos pensar que o Horror enquanto arte narrativa é percebido muitas vezes como “subserviente à ideologia”, pois, ainda que não seja sempre o caso, a narrativa do elemento anormal perturbando o cotidiano normal e tendo que ser expurgado para voltar à normalidade (CARROL, 2004, P. 201-202), parece uma retórica irresistível da afirmação da ideologia dominante enquanto realidade discursiva.

Um *horroralismo* para assim ser “horror” precisa lançar mão de uma “atmosfera”, ou seja, trabalhar com as convenções que o público tem sobre o sobrenatural, entremeado com o conteúdo informacional. O conteúdo informacional então recebe uma seleção de fatos e um tratamento estético que faça com que a forma do horror seja elemento constitutivo da informação comunicada. Por exemplo, assim Lang (2016) descreve parte do programa *Devil Worship* de Geraldo Rivera:

O programa abre com a montagem de vários clipes visitados através do programa, acompanhado do hino do *Mötley Crüe* à uma gatinha sexual maléfica, “*Looks That Kill*”; planos de fãs de metal balançando cabeças em um concerto, uma autoproclamada “parideira” de bebês para sacrifício Satânico, um plano de um dos rituais de Anton LaVey, pentagramas e 666 rabiscados em lápides e imagens de crimes reais desfilados espalhafatosamente pela tela. A montagem então corta para uma monstruosa mão com garras se erguendo de dentro de um redemoinho de gelo seco e Charles Manson dançando de maneira extravagante. (LANG, 2016, p. 150)

Já no caso das acusações que pesavam contra os sete acusados pelo assassinato de Evandro Ramos Caetano, podemos perceber a constância desses elementos: a culpabilização sem julgamento dos suspeitos e o uso recorrente do termo “bruxa”, trazendo um personagem sobrenatural da superstição para a realidade. Alborghetti, em

---

seu programa, lança mão de música instrumental de suspense enquanto fala, e repete reiteradamente que tanto no caso Evandro quanto no caso dos assassinados de Altamira, que os assassinatos foram “sacrifícios” para beber sangue e comer corações.

Além disso, há a criação de estigmas: Colucci (2022, p. 402) chama a atenção nesses casos de Pânico Satânico brasileiro a característica particular de que fortalece o “racismo estrutural” brasileiro, uma vez que os sacrifícios satânicos são frequentemente associados a religiões de matriz africana. No caso, o jornal Tribuna do Paraná de 1992 também traz a resposta da Federação Umbandista na mesma página onde descreve a profissão de Osvaldo Marcineiro como pai de santo e os requintes de crueldade que teria cometido contra Evandro. Dentro do que Cohen (2011) entende como a volatilidade do fenômeno do pânico satânico, acaba-se por não ter grande repercussão posterior do tratamento da mídia no caso; ou seja, a denúncia alarmista acaba sempre por ser mais impactante que a retratação, que muitas vezes não ocorre.

## CONCLUSÃO

Esse artigo pretendeu entender como Pânico Satânico ocorre na mídia através da adoção de uma estética de horror. Filosoficamente falando, o estilo enquanto composição artística visa criar narrativas emocionalmente aflitivas através da oferta de elementos cognitivos que sejam avaliados como aberrantes e anormais. Para tanto, empreendemos um estudo da estética adotada por jornais impressos e telejornais onde, na busca por audiências, tais veículos tratam suspeitos como personagens fora da norma, pertencentes à categorias supersticiosas. O clima de apreensão é enriquecido com riqueza de detalhes, motivações macabras e afins, onde destacam-se da concorrência através da oferta de um conteúdo chocante, semelhantes à criação das narrativas ficcionais, criando uma atmosfera assustadora de pânico moral de onde irrompem o punitivismo, erros policiais e jurídicos, linchamentos e afins. Assim, o que é proposto aqui como *horroralismo* segue como uma estética de dominância, criando

---

“monstros” humanos que aplaquem anseios sociais, “sacralizando” a normalidade. Ao mesmo tempo, tal tratamento acaba por prejudicar várias vidas, tanto os falsamente acusados quanto as vítimas, uma vez que o foco passa a ser o bizarro e o fantástico, disseminando preconceitos estruturais e o principal interesse - a descoberta dos assassinos - fica em segundo plano.

## REFERÊNCIAS

JORON, Philippe. **A comunicação sacrificial**. Famecos, Porto Alegre, ed. 29, p. 122-134, 2006.

SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro, Mauad, 2016, 140 p.  
COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics**. Nova Iorque: Routledge, 2011. 327 p. ISBN 978-0-415-61016-2.

CARROLL, Noël. **The Philosophy of Horror: or Paradoxes of The Heart**. Nova Iorque: Routledge, 2004. 269 p. ISBN 0-203-37447-9.

LANG, Alison. "What About These 10,000 Souls, Buster?": Geraldo's Devil Worship Special. *In*: JANISSE, Kier-La; CORUPE, Paul (ed.). **Satanic Panic: Pop-Cultural Paranoia in the 1980s**. Toronto: Spectacular Optical Publications, 2016. ISBN 978-0992-146313.

MACK, Adrian. False History Syndrome: HBO's Indictment: The McMartin Trial. *In*: JANISSE, Kier-La; CORUPE, Paul (ed.). **Satanic Panic: Pop-Cultural Paranoia in the 1980s**. Toronto: Spectacular Optical Publications, 2016. ISBN 978-0992-146313.

HELLER-NICHOLAS, Alexandra. "The Only Word in the World is Mine": Remembering 'Michelle Remembers'. *In*: JANISSE, Kier-La; CORUPE, Paul (ed.). **Satanic Panic: Pop-Cultural Paranoia in the 1980s**. Toronto: Spectacular Optical Publications, 2016. ISBN 978-0992-146313.

COLUCCI, Pedro Henrique do Prado Haram. **Pânico Satânico Brasileiro: Uma análise sobre o discurso criminológico da mídia e a construção de demônios populares**. *In*: KASSADA, Daiane; MENESES, Willians (org.). **Cadernos do Laboratório de Iniciação Científica do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais: Melhores artigos de 2021**. Curitiba: Editorial Casa, 2022. 393 p.

ARBEX JR. , José. **Showrnalismo: A Notícia Como Espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 290 p. ISBN 8586821160.

BROWDER, Laura. **True Crime**. *In*: NICKERSON , Catherine Ross (ed.). **The Cambridge**



Companion to American Crime Fiction: Cambridge Companions to Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap. II, ISBN 0521136067.

SELTZER, Mark. **True Crime**: Observations on Violence and Modernity. Nova Iorque: Routledge, 2007. 196 p. ISBN 0415977932.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005. 270 p. ISBN 8530807855.